

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

# **Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

## Conferências

Organizadores

Jorge Fernandes Alves

Pedro Vilas-Boas Tavares

Porto, FLUP, 2020

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto I Conferências

ORGANIZAÇÃO: Jorge Fernandes Alves e Pedro Vilas-Boas Tavares

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: 2021

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 250 exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-8969-74-3

ISSN: 1646-1525

## PORTO, CIDADE MENTIROSA?

### **O PORTO COMO LABORATÓRIO DE PESQUISA: NOTAS INTRODUTÓRIAS**

Ocorreu-me, pela ocasião deste centenário, pensar a cidade onde a Faculdade de Letras se insere, já que tal desiderato é não só uma obrigação sociológica como uma necessidade pedagógica.

O Porto é um excelente laboratório de pesquisa sociológica, uma configuração, uma singularidade – daí a obrigação sociológica, pois permite observar mudanças e continuidades, testar hipóteses e quadros de referência, experimentar novas abordagens e conceitos. Cidade multiforme, multissecular, autêntico palimpsesto onde se acumulam e interagem diversas camadas, quer no plano diacrónico (a História, a longa duração, a estrutura), quer no plano sincrónico (mosaico social de desigualdades e diferenças, plurais modos de relação com o espaço, cenário de interações, *locus* identitário e reivindicativo). Mas também necessidade pedagógica – sede de uma área metropolitana, exposta a processos intensos de globalização, sujeita a pressões e mutações aceleradíssimas, a escala da cidade e da sua região cruza-se com a ordem do quotidiano estudantil, nos seus percursos, rotas, inflexões, labirintos, experiências, constrangimentos e margens de manobra, manifestando-se, por isso, como oportunidade de diálogo em sala de aula.

### **METODOLOGIA: ANDAR, OBSERVAR, REGISTRAR**

O ponto de vista será o da deambulação pelos espaços públicos, contrapondo visualidades (hegemónica e contra-hegemónica) e prolongando a metodologia andante, que seguiu em anteriores trabalhos, com uma recolha

de dois tipos de fotografias sociais: um conjunto de arquivo, fontes secundárias que retratam a narrativa do poder económico e político e um leque de fotografias da autoria de Inês Barbosa, socióloga com quem tenho vindo a colaborar e que captam as gramáticas insurgentes. Recorrendo a uma metodologia andante (Lopes, 2007; Ingold e Vergunst, 2008) e à sociologia visual (Becker, 1974; Harper, 1988; Pink, 2013; Ferro, 2010), deambulamos pelas ruas, praças e esquinas de olhos postos nos muros e paredes. Com um olhar *de perto* e *de dentro*, entre a familiaridade e o estranhamento, a pesquisa desenvolveu-se como uma forma de imersão, exploração e decodificação da luta simbólica na e pela cidade. Não por acaso, vivemos sob a tirania de uma “sociedade ocularcêntrica” (Campos *et al.*, 2011:3), em que se acentua o exercício, cada vez mais metódico e reflexivo, de ver e ser visto.

### **ESPAÇOS PÚBLICOS: PODER E CONFLITO**

O controlo do espaço público é uma outra maneira de falar sobre a localização do poder e o poder dos locais e tem emergido como uma dimensão central na reconfiguração dos centros urbanos. Nas últimas décadas, os espaços públicos tornam-se um tema-chave na renovação de centros históricos, na atração de classes sociais abastadas (desempenhando um papel estratégico nos processos de gentrificação), na expansão do turismo global e na produção de uma imagem cosmopolita em competição com outras cidades. São, ainda, os locais da luta de classes e da contestação de programas e políticas neoliberais que alteraram drasticamente a vida de milhões de pessoas.

Importa não esquecer que o uso e a representação da cidade são moldados pela proeminência de tais espaços na vida cotidiana, nas rotinas, nas celebrações e nos rituais, demonstrando a importância das âncoras espaciais dentro da urbe e evidenciando que eles são algo mais que um conceito geométrico ou uma simples caixa (o contrário, enfim, de um espaço absoluto, centralizado e homogêneo).

Como Henri Lefèbvre apontou, não há “espaço puro”. A sua teoria do espaço incluía três dimensões consubstanciais: o espaço como é percebido (representação do espaço), o espaço como é concebido (espaço representacional) e o espaço vivido (como representações fenomenológicas do espaço (Lefèbvre, 1995). Numa discussão mais recente dessas ideias, Gottdiener e Hutchison (2011) enfatizam que, enquanto as instituições económicas, políticas e sociais criam e recriam o espaço urbano, o seu significado é produzido pelos moradores locais. Por outras palavras, o espaço não é simplesmente um contentor sem conteúdo; o território urbano cria padrões específicos de relações sociais e é constantemente alterado e recriado pela sua dinâmica.

No entanto, mal-entendidos do conceito são comuns. Antes de tudo, os espaços públicos são mais do que espaços urbanos, pois servem de base para a representação e o conflito, insinuando-se com potencialidade de esfera pública, além de um terreno de territorialidade subjetiva (Guattari, 2009), com usos comuns e esperados, bem como contra usos inesperados e às vezes contestados. Além disso, os espaços públicos são o resultado social e histórico de uma demarcação física e simbólica, com uma convergência/divergência de sentidos e de práticas por parte de classes e grupos sociais, o que necessariamente conduz a embates e disputas.

### A NARRATIVA IMAGÉTICA DOMINANTE

A cidade do Porto é uma arena privilegiada desses conflitos e está longe de ser uma realidade homogênea, apesar de “bilhetes postais” como este:

**Fot. 1 - O olhar turístico**



**Fonte:** <https://nit.pt/tag/turismo-em-massa>

Cidade estilizada e estetizada, encantatória, plena de fulgor e dinamismo: eis como nos tem sido apresentado o Porto do *boom* turístico, dos estudantes estrangeiros ou da plataforma privilegiada das companhias *low cost*. Alguns chamam-lhe mesmo “a galinha dos ovos de ouro”, tal o maná de oferendas que proporciona. A linguagem hiperbólica (*mais, melhor, maior*) traduz não só as “rivalidades entre localidades” (Barreira, 2013), como a penetração da linguagem do *marketing* e a fábrica de ícones em que se transformou a cidade como banca de negócios.

## Fot. 2 - Ver sem profundidade



Fonte: João Manuel Ribeiro / Global Imagens

O olhar turístico beneficia do endeuçamento da mobilidade como novo capital e bebe, ainda, das novas vagas nostálgicas que buscam a coleção de memórias transformadas em inventários de “experiências”. Não importa se o olhar se demora pouco, se toca, apenas ao de leve, nos objetos, pessoas e paisagens; urge estar em movimento, viajar, visitar, contar, ostentar.

Navega-se, pois, à superfície, num frenesim de estímulos excitados pelas imagens que nos possuem (apesar de serem por nós criadas) e colonizam, espécie de dispersão rizomática, elogio da “disponibilidade absoluta” para consumir e ser consumido (Crary, 2018), para, enfim, ser parte mais ou menos anódina da contínua espetacularização do real (Débord, 2012) – movimento em que a economia reinante se faz ver por cadeias de mediações cada vez mais profissionalizadas, como esse artifício alquímico do *marketing* de cidade.

A nova economia política dos signos integra desejo, imaginação e governabilidade. Pelas difusas, tantas vezes implícitas, “doces” e insinuantes formas de dominação simbólica, somos levados a imaginar e a desejar o que a normalização sistêmica do poder hegemônico está disposta a consentir. Contudo, tal frêmito rapidamente conduz ao esquecimento, à “amnésia coletiva” como estratégia de volatilidade, à aceleração do ritmo de destruição das mercadorias e das existências como mercadorias. A indistinção contemporânea entre estar *on* e *off*, esse estado de vigília permanente, precipita, paradoxalmente, um desgaste do olhar, que se fragmenta e se perde, inibindo qualquer esforço de acumulação e integração. Avesso à complexidade e à

interação real (não meramente festiva e tematizada) das diferenças, o olhar turístico dominante glorifica a mesmidade do urbanismo genérico, da arquitetura de impactos, da sumptuosidade quase barroca, das comemorações brandizadas, do *happening* perpétuo, em suma, de simplificação identitária e da remonumentalização grandiloquente.

Na volatilidade do capitalismo tardio, as fronteiras entre verdade e ficção, autenticidade e encenação, património real ou inventado deixam de ser relevantes. A certa altura, a cidade encenada substitui a cidade real. Ou a separação deixa de ser pertinente. No reino do simulacro, absorve-se o “real sem origem nem realidade (...) a simulação põe em causa a diferença do «verdadeiro» e do «falso», do «real» e do «imaginário» liquidando os referenciais (Baudrillard, 1991:7-10).

**Fot. 3 - Casa Oriental: o simulacro**



Fonte: <https://gailatlarge.com/blog/2016/04/28/43493>

Na Casa Oriental, outrora uma mercearia, a simbologia colonial da fachada é agora obliterada por uma fita de bacalhaus de plástico e um interior rococó que homenageia as conservas portuguesas.

Impõe-se a pergunta: ter-se-á o Porto transformado numa “cidade mentirosa”, à semelhança de Barcelona, tal como descrita por Manuel Delgado: cidade “*top-model*, mulher treinada para permanecer permanentemente atrativa e sedutora, que passa o tempo a maquilhar-se e a pôr-se bonita perante o espelho, para depois exibir-se ou ser exibida na passarela das cidades *fashion*” (Delgado, 2007:13)?

Certo é que as recentes metamorfoses do Porto escondem duplamente: por um lado, tapam as profundas clivagens sociais e a intensa segregação e relegação sócio espacial (as ilhas – tirando as que são recuperadas com *glamour* – e os bairros); por outro, reduzem a interpretação da urbe, pois não desenvolvem as descontinuidades, os detalhes, os espaços vazios, as zonas intersticiais.

## CONTRA NARRATIVAS

Contudo, nos bastidores outras cidades se insinuem. Na verdade, o Porto tornou-se uma cadeia de produção de bens simbólicos, desenvolvendo-se à boleia do *boom* turístico. Um intenso processo de especulação imobiliária expulsou de milhares de cidadãos das freguesias do chamado “centro histórico”, num primeiro momento, e de vastas franjas das classes populares e médias da cidade mais alargada, num segundo tempo.

Os dados são claros: de agosto de 2009 a agosto de 2019, o número de passageiros a passar pelo aeroporto subiu 169%; as propriedades listadas no *Airbnb* subiram de 10 para 100 mil, entre 2010 e 2018 (Fernandes *et al.*, 2018); o número de famílias despejadas rondará as 100 por ano. O relatório de caracterização e diagnóstico urbanístico do Plano Diretor Municipal dá conta do elevado grau de degradação do parque habitacional, das disparidades intraurbanas e da subida exponencial do valor da habitação (Porto, 2018). Por outro lado, existem quase cinquenta bairros de habitação social com trajetos, realidades e dinâmicas sociais e urbanas muito distintas (Pereira, 2016).

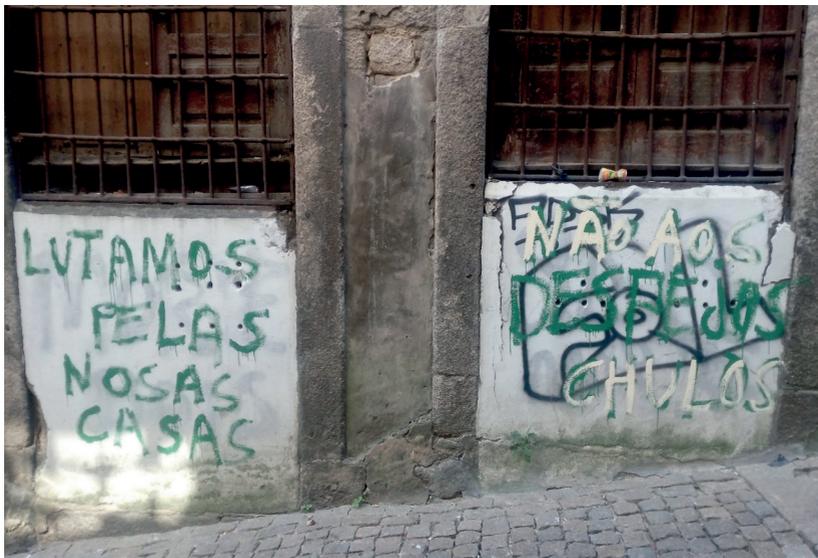
Neste sentido, pareceu-nos estimulante resgatar manifestações visuais de apropriação e de resistência a esses fenómenos. Para além das retóricas e poéticas imanentes, traduzem a disputa do espaço público, convidando a uma análise que dê conta das tensões e das contradições que o atravessam. Assim, permitem pensar a cidade de outra maneira, a partir da heterogeneidade e da polifonia.

Não sendo fixas nem imutáveis, as plurais e conflituais pertencas e identidades urbanas constituem-se mutuamente, através de redes de interlocuções

mais ou menos explícitas, mais ou menos mediadas. Os encontros urbanos desempenham aí um papel crucial, sendo a base das experiências cidadinas significativas, onde acrescentamos informação, riqueza e complexidade ao nosso *stock* de conhecimentos, saindo do estrito limite da bolha cognitiva, social e cultural.

Atente-se na fotografia n.º 4.

#### Fot. 4 - Lutamos pelas nossas casas



Fonte: Inês Barbosa

Num edifício abandonado, alguém escreveu: “lutamos pelas nossas casas”, a lembrar uma outra inscrição, também espalhada pela cidade: “Tanta casa sem gente / tanta gente sem casa”. A afirmação desse presente – “lutamos” – expõe a fratura da urbe desigual e desmonta os discursos glorificadores de uma mítica unidade urbana. As identidades são sempre relacionais, articulando-se com o reconhecimento inerente à não-indiferença perante o outro.

Também no Porto grassam exemplos de hostilidade para com o *boom* turístico. Atitudes de turismofobia encontram-se hoje nas principais cidades europeias, com reflexos etnocêntricos e essencialistas e até com práticas por vezes violentas e iconoclastas. Hospitalidade e hostilidade combinam-se no tecido urbano e o Porto não é exceção.

**Fot. 5 - Ironia hostil**



É difícil saber quem ao certo escreveu estas mensagens, em geral anônimas. Em alguns casos, parecem ser espontâneos “gritos de alma”. Noutros, pela sua estética e recorrência (fot. 6), encontramos indícios que nos levam a coletivos de artistas jovens e precários que, de forma mais ou menos sistemática, têm usado as paredes como instrumento de protesto (e de diálogo). É possível “ler” estas paredes com o contexto objetivo e material da sua produção. De certa forma, como tomadas de posição, elas reenviam para distintas posições (e disposições) dentro do espaço social urbano. A gentrificação não se opera sem resistência.

## Fot. 6 - O inverso da cidade como mercadoria



Fonte: Inês Barbosa

Para além da ação anónima, inorgânica ou em coletivos de intervenção artística, a urbe tem contado com ação coletiva organizada, que se traduz em encontros, colóquios e manifestações “clássicas”, onde se cruzam protagonistas de associações de moradores, partidos políticos e grupos de ativistas pelo direito à habitação, acrescentando experiência a um movimento social que, no Porto, viveu vários apogeus, particularmente durante o SAAL, mas também, por exemplo, aquando da demolição do bairro do Aleixo (Queirós, 2019).

A retórica do patriotismo de cidade (Delgado, 2007) tornou cada vez mais difícil a expressão da dissonância, rapidamente etiquetada como traição ao imparável desenvolvimento económico. A pulsão unificadora e normalizadora de um discurso quase autoritário (discurso de poder e até mesmo de Estado) é enorme.

Estes exemplos de visualidades e práticas contra-hegemónicas mostram, afinal, que nem tudo se reduz ao mesmo diapasão de uma rígida, repressiva e falsamente homogénea “moral cívica”.

## Fot. 7 - A manifestação



Fonte: Inês Barbosa

### NOTAS FINAIS: A CIDADE SUSPensa

No momento em que escrevo estas últimas linhas, o Porto recupera paulatinamente de um surto de fantasmagoria imposto pela emergência pandémica. Os céus de minha casa eram atravessados, de cinco em cinco minutos, por uma ininterrupta ponte aérea. Agora, apenas se ouve a eterna conspiração dos pássaros. Se, num primeiro momento, era difícil encontrar vitalma na rua, restitui-se aos poucos alguma animação. Mas, quanto aos turistas, contam-se pelos escassos dedos da mão. Anteriormente, a disputa política centrava-se na necessidade de travar o frenesim do alojamento local. Agora, os discursos públicos apontam a urgência de o transformar em habitação permanente de renda acessível.

Nenhuma nostalgia me domina, nem me conforto na retórica decadentista. Não defendo, tampouco, qualquer regresso a um mirífico tempo imaculado do burgo ensimesmado, “purificado” de estranhos. Agradam-me cidades abertas, como veias pulsantes, incertas, imprevisíveis, ricas de experiências e significado. Cidades de *serendipidade*, onde é possível enriquecermos os nossos reportórios com elementos não previstos. Contudo, talvez possamos aproveitar esta possibilidade trágica para ganhar tempo; para percebermos a importância de cidades vivas na sua singularidade, sem se dissolverem no *passé-partout* da *selfie*; para valorizarmos espaços públicos polémicos, onde as várias perspectivas se cruzam, digladiam e

acrescentam, onde a diferença se exprime e reconfigura, sem se reduzir ao exotismo de pacotilha, ao autêntico de fancaria ou à celebração estandardizada. Ao mesmo tempo, novas políticas sociais económicas e sociais terão de combater as desigualdades estruturais que tanto sofrimento e injustiça têm causado. Haverá tempo, em suma, para *religar*, criar laços, habitar.

## REFERÊNCIAS

BARREIRA, Irllys (2013) – *A Cidade como narrativa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

BAUDRILLARD, Jean (1991) – *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água.

BECKER, Howard S. (1995) – Visual sociology, documentary photography, and photojournalism: it's(almost) all a matter of context. *Visual Studies*. 10:1, 5-14.

CAMPOS, Ricardo; BRIGHENTI, Andrea Mubi; SPINELLI, Luciano, org. (2011) – *Uma Cidade de imagens*. Lisboa: Mundos Sociais.

CRARY, Jonathan (2018) – *24/7: o capitalismo tardio e os fins do sono*. Lisboa: Antígona.

DÉBORD, Guy (2012) – *A Sociedade do espetáculo*. Lisboa: Antígona.

FERNANDES, José Alberto Rio [et al.] (2018) – *O Porto e o Airbnb*. Porto: Book Cover.

FERRO, Lúgia (2010) – O Graffiti mediador: reflexões sobre as metamorfoses da prática em três cidades. In *Juventudes contemporâneas: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 75-91.

GOTTDIENER, Mark; HUTCHISON, Ray (2010) – *The New urban sociology*. Boulder, Colorado: Westview Press.

GUATTARI, Felix (2009) – *As Três ecologias*. São Paulo: Papyrus.

HARPER, Douglas (1988) – Visual sociology: expanding sociological vision. *The American Sociologist*. 19, 54-70.

INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee (2008) – *Ways of walking: ethnography and practice on foot*. London; New York: Routledge.

LEFÈBVRE, Henri (1974) – *La Production de l'espace*. Paris: Anthropos.

LOPES, João Teixeira (2008) – Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. *Sociologia*. 17/18, p. 69-80.

PEREIRA, Virgílio Borges (2016) – *A Habitação social na transformação da cidade*. Porto: Edições Afrontamento.

PINK, Sarah (2013) – *Doing visual ethnography*. London: Sage Publications.

PORTO. Câmara Municipal (2018) – Habitação e dinâmicas urbanas: relatório de caracterização e diagnóstico. In *Plano Diretor Municipal*. Porto: C. M. P.

QUEIRÓS, João (2019) – *Aleixo: génese, (des)estruturação e desaparecimento de um bairro do Porto (1969-2019)*. Porto: Edições Afrontamento.